

## UMA TELA TODA NOSSA: da tecnologia abrindo janelas para o debate sobre gênero na extensão universitária durante a pandemia

*Uma pantalla toda nuestra: de la tecnologia abriendo ventanas al debate sobre género em la extensión universitaria durante la pandemia*

Brenda Cristina da Silva e Silva<sup>1</sup>  
Fabrícia Vellasquez Paiva<sup>2</sup>

**Resumo:** Este artigo buscou apontar e refletir, a partir da experiência no Projeto de Extensão “De linhas, outras histórias e novas memórias: espaços, temas e sujeitos possíveis à contação e à criação de livros em literatura infantojuvenil”, como a prática da contação de histórias pode ser um instrumento valioso para um ensino crítico-reflexivo sobre questões de gênero. Para além, buscamos apontar como o exercício da escrita autobiográfica pode ser fundamental no processo educativo.

**Palavras-chave:** gênero; educação; extensão; literatura.

**Resumen:** Este artículo buscó señalar y reflexionar, a partir de la experiencia del Proyecto de Extensión “De líneas, otros cuentos y nuevas memorias: espacios, temas y sujetos posibles para la narración y la creación de libros en la literatura infantil”, como el La práctica de contar historias puede ser un instrumento valioso para la enseñanza crítico-reflexiva sobre cuestiones de género. Además, buscamos señalar cómo el ejercicio de la escritura autobiográfica puede ser fundamental en el proceso educativo.

<sup>1</sup> Mestranda em Educação na Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro. E-mail: cristina.brends@gmail.com.

<sup>2</sup> Doutora em Educação. Docente da Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro, campus Seropédica. E-mail: fabriciavellasquez@yahoo.com.br.

**Palabras clave:** género; educación; extensión; literatura.

*Um mundo melhor não é possível sem a libertação das mentes,  
dos corpos e sobretudo da linguagem das mulheres.*  
Nawal Saadawui

## INTRODUÇÃO

Ao nos lançarmos à pesquisa, ao debate, à reflexão, à intervenção, etc., sobre gênero e as suas expressões na sociedade onde vivemos, devemos considerar, sempre, que o gênero é uma categoria e um conceito histórico, devendo, portanto, ser pensado a partir de determinado tempo histórico, social, político, etc. Dessa maneira, olhar para o conceito e a categoria gênero é, também, olhar para a história da sociedade e compreender que essa história é contada por vozes que são, majoritariamente, masculinas, brancas, heterossexuais e cisgêneras. Virgínia Woolf (2019) pontua que “sobre as mulheres muito pouco se sabe. A história da Inglaterra é a história da linha masculina, não da feminina”; a autora, claro, fala de um lugar e um contexto que são próprios dela, mas seria possível, sem soar exagerado ou sensacionalista, dizer que a história, como um todo e não somente a da Inglaterra, é uma história contada em linhas masculinas, que buscam a manutenção de determinados interesses.

Nas linhas deste artigo, emergem algumas histórias femininas que foram compartilhadas em um contexto virtual. São histórias que foram contadas, compartilhadas e escritas a partir do curso de extensão “Em linhas narrativas de mulheres: infinitos contornos de gênero”, em que as linhas de histórias femininas do passado se mesclam em continuidade – e assim permanecem – com as linhas de nossas próprias histórias

femininas. É olhando para essas histórias e para as suas potencialidades, que aqui busco apontar como literatura, educação e tecnologia podem potencializar o debate, a reflexão e a intervenção sobre o gênero e as suas expressões na sociedade, especialmente ao considerarmos a posição das mulheres nesse debate.

A construção dessas narrativas, contudo, antecede até mesmo o curso supracitado; mas, ainda assim, têm suas origens nas histórias de mulheres, para mulheres e sobre mulheres, mais especificamente na contação dessas histórias. É a partir do Projeto de Extensão “De linhas, outras histórias e novas memórias: espaços, temas e sujeitos possíveis à contação e à criação de livros em literatura infantojuvenil” que o debate de gênero começa a ganhar forma e força na construção de um caminho de pesquisa sobre gênero e as suas expressões em nossa sociedade, sendo esse processo de construção estruturado pelas telas de aparelhos eletrônicos.

O Projeto de Extensão fora inicialmente pensado para ocupar os espaços da biblioteca central da Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro (UFRRJ) em Seropédica, mas precisou ser reestruturado por conta da pandemia da Covid-19 em 2020. Vigente pelos anos de 2020 e 2021, o Projeto de Extensão se estrutura a partir de uma noção mais ampliada de arte (Barthes, 1987;1996) que se aproxima de uma prática de contação de histórias que não apenas envolvem o leitor, mas que o considera próprio autor do texto lido (Sisto, 2001) e, a partir disso e se considerando o contexto social, político e histórico vivenciado no ano de 2020, buscou-se trazer obras de Literatura Infantojuvenil (LIJ), considerando que esse gênero textual é *também* para crianças, mas *não só*, que fossem capazes de refletir e de nos fazer refletir sobre o cenário de dúvidas, de incertezas, de saudades, etc., do momento.

Os encontros do Projeto aconteciam em dois momentos: o primeiro com a equipe e o segundo com os participantes, nas noites de segunda-feira e de quarta-feira, respectivamente. Ambos os momentos aconteciam de forma remota, o primeiro pela plataforma do *GoogleMeet* e o segundo pela rede social *Facebook*. Para atingir o objetivo deste escrito, que é o de mostrar como a tecnologia impulsionou e fomentou o debate e a pesquisa sobre gênero e suas expressões, considerando especialmente o curso “Em linhas narrativas de mulheres: infinitos contornos de gênero”, cabe trazer uma breve contextualização do segundo momento apresentado acima.

As questões de gênero estavam sempre presentes nos planejamentos, uma vez que a equipe era inteiramente composta por mulheres: entre docentes, discentes e bolsista; de diversas formações, em nível e área do saber, de distintas classes sociais e etnias. Assim também era o grupo que participava dos encontros síncronos, em *lives*, pela rede social *Facebook*: majoritariamente mulheres, que ocupavam diferentes e diversos espaços sociais, econômicos, étnicos, etc. Todavia, os debates que se seguiam às contações das histórias por meio do mecanismo do *chat* disponível na plataforma utilizada, traziam sempre os relatos e as experiências de como cada uma dessas mulheres passaram – e estavam passando – na sociedade. Analisando esses comentários, a equipe do Projeto percebeu a urgência e necessidade de focar mais no debate de gênero.

Neste artigo, portanto, buscamos apresentar, primeiramente, como o debate de gênero ganha centralidade no Projeto de Extensão “De linhas, outras histórias e novas memórias: espaços, temas e sujeitos possíveis à contação e à criação de livros em literatura infantojuvenil” (2020-2021), a partir da contação de histórias, especialmente de algumas obras selecionadas da escritora Lygia Bojunga e como os

debates que se seguiram impulsionou a elaboração, em parceria com a Secretaria de Gênero e Diversidade da UFRRJ, do curso de extensão “Em linhas narrativas de mulheres: infinitos contornos de gênero”.

Em seguida, me debruço sobre os trabalhos finais entregues pelas participantes do curso. São obras literárias que muito se aproximam do conceito de *escrevivência* formulado por Conceição Evaristo, que “permite o transbordamento da memória e sua montagem com a história, penetrando nos espaços em branco do texto” e que é capaz de colocar em destaque narrativas que há muito são desconsideradas (Barossi, 2018, grifo da autora); em outras palavras, que permite às participantes do curso, se colocarem como as autoras do próprio texto, a partir dos espaços em brancos deixados pelas narrativas literárias trabalhadas no curso. Dessa forma, podemos perceber como o debate de gênero ganha força e emerge nesse espaço, possibilitando e fomentando um pensamento crítico e interventivo sobre a temática e as demandas que se apresentaram.

Em toda extensão do trabalho, mostramos como a tecnologia foi fundamental nesse processo: seja ao ampliar o alcance do curso, permitindo que pessoas de outros estados participassem e trouxessem maior diversidade ao debate; seja por permitir um espaço com certo distanciamento, o que, a partir da análise feita pela equipe, possibilitou que algumas mulheres conseguissem expressar melhor algumas questões que não conseguiam expressar presencialmente.

Ao destacar esses pontos, acreditamos enfatizar como a tecnologia, em especial os espaços virtuais que possibilitam os encontros síncronos de seus participantes, é uma ótima aliada para o processo formativo, especialmente no que diz respeito ao debate e à reflexão crítica-reflexiva de gênero; pensando, além, novas possibilidades, meios, ferramentas e instrumentos de ensino.

## 1. OS CONTORNOS DE GÊNERO PELAS JANELAS VIRTUAIS

Reconhecendo as narrativas literárias “como manifestação universal de todos os homens em todos os tempos” (Cândido, 2011), também reconhecemos que “talvez não haja equilíbrio social sem a literatura” (idem) e que essas narrativas são caminhos possíveis para análise crítica e interventiva sobre a realidade política e social que se apresenta em determinado contexto histórico. Ao criar uma realidade extra, que nos possibilita melhor enxergar o real (Santos, 2008), as obras literárias também se fazem lacunares; são essas lacunas, “propositalmente deixadas aos públicos diversos aos quais ela pode se destinar” (Zilberman apud Vellasquez et. al. 2022), que permite um espaço onde novas histórias surgem: as nossas próprias histórias, em escrevivências.

Em 2020, tendo o seu alcance ampliado pela rede social *Facebook*, o Projeto de Extensão alcançou um público diverso em: faixa etária, classe social, sexualidade, nível de ensino, enfim, vivências; pessoas que dificilmente conseguiriam ter acesso ao Projeto caso esse tivesse se mantido no espaço físico da Universidade. Cabe destacar que o primeiro ano do Projeto se estruturou a partir das seguintes temáticas<sup>3</sup>: medos, monstros, perdas e vazios, memórias e saudades e reconstrução, entendendo que esses eram temas importantes para o momento que vivíamos diante das instabilidades, incertezas e agudização das desigualdades sociais pela pandemia da Covid-19. Todos os temas propostos, quando em debate com as participantes, levantaram

---

<sup>3</sup> É preciso pontuar que toda a equipe do Projeto de Extensão parte da percepção de que, por se tratar de uma expressão artística, as narrativas literárias não possuem uma temática a priori, porém a escolha pela definição de temas se dá para que se fizesse possível fomentar provocações que levassem as participantes à reflexão e ao preenchimento das lacunas literárias usando as suas próprias palavras.

questões de gênero que se agudizavam naquele momento: violência doméstica, o aumento da demanda dos trabalhos não remunerados, cuidados, etc.

Após análise e curadoria das trocas feitas ao longo dos encontros e de outros espaços propostos pelo Projeto, bem como da parceria com a Secretaria de Gênero e Diversidade que começava a se estruturar na UFRRJ, o ano seguinte das contações teve como grande temática o “Respeito à Diversidade”, sendo o “Gênero” o primeiro destaque temático. A equipe do Projeto, assim, pensou em homenagear a autora de LIJ Lygia Bojunga, selecionando obras da autora de modo a fomentar o debate sobre diversas temáticas que atravessam a questão de gênero em nossa sociedade, seja violência doméstica, sexual, psicológica; seja questões referentes à maternidade, à descoberta da sexualidade ou outros atravessamentos dos papéis de gênero.

Dessa forma, foram selecionadas dez obras da autora a serem trabalhadas ao longo das cinco semanas do mês de março, sendo o critério de escolha da divisão das obras segundo a data de lançamento, ficando, assim, da seguinte maneira: Angélica (1975); Corda Bamba (1979); Tchou (1984); Nós três (1987); Fazendo Ana Paz (1991); O abraço (1995); A cama (1999); Retratos de Carolina (2002); Sapato de salto (2006) e Querida (2009).

As obras selecionadas se justificam pelos temas que exploram nas linhas literárias de suas narrativas. Em “Tchau”, por exemplo, refletimos sobre a maternidade e as imposições sociais que recaem sobre as mulheres, mães ou não, no que se refere ao tema. Nas interações com quem acompanhava os encontros de maneira síncrona na plataforma *Facebook*, percebemos diversos relatos pessoais, de diferentes vivências, mas na consonância de que, à mulher, é sempre esperado exercer o papel da “boa” mãe: aquela que abdica de sua vida, de seus amores,

em nome da felicidade dos filhos. Mas, afinal, o que é ser uma “boa” mãe?

“Sapato de salto”, por outro lado, mesmo com uma narrativa que nos remete ao contar de um caso corriqueiro do nosso cotidiano, traz a denúncia de uma forma mais direta, diferente das outras obras selecionadas. Ao narrar o abuso sexual infantil e os sutis abusos que o antecede, como a oferta de um doce e de outros presentes à criança, Lygia faz refletir sobre a importância de se pensar e falar sobre o assunto, pois só assim é possível reconhecer situações de abuso e violência e, dessa forma, traçar estratégias de enfrentamento. Recebemos, em chat, outros tantos relatos de reconhecimentos de abusos enfrentados pelas participantes ao longo da vida e como muitas vezes, por causa da naturalização das opressões, esses abusos sequer são reconhecidos como tais.

Em “Retratos de Carolina”, nos defrontamos com as tantas de nós: nossos gostos, nossos amores, a forma como nos colocamos em sociedade e, especialmente, os papéis de gênero que colocam categorias de coisas de meninos x coisas de meninas. E em mais uma noite, conseguimos ler relatos diversos sobre como as mulheres presentes se percebiam enquanto tal, o que havia sido negado à elas por não serem coisas de menina e percebemos como essas múltiplas narrativas se encontravam no debate de gênero e como esse encontro só foi possível pelo alcance das redes. Entendendo, a partir das escritas das participantes no chat da plataforma usada para os encontros do Projeto, a urgência de se abordar ainda mais as expressões de gênero, foi pensado o curso de extensão “Em linhas narrativas de mulheres: infinitos contornos de gênero”, utilizando a plataforma *GoogleMeet*. Sempre pensando na importância da diversidade de falas das mulheres, as obras selecionadas contaram com diversas vozes e também as palestrantes

convidadas para fomentarem os debates, ocupavam diferentes posições sociais e títulos acadêmicos – sendo elas mulheres mães, docentes, doutoras, mestres, graduandas, militantes; das Ciências Sociais às Ciências Ambientais e Florestais –, reforçando, assim, não apenas o caráter interdisciplinar que o Curso – bem como o Projeto ao qual se vincula – se propôs, mas, também, os diferentes contornos do ser mulher na sociedade e as diferentes formas de dizê-lo.

As obras literárias selecionadas, por sua vez, trouxeram diferentes vozes narrativas, de mulheres que ocupavam diferentes espaços, uma vez que a “literatura produzida por mulheres [pode] derrubar os vários muros individuais para construir pontes para a unificação de vozes: a literatura une pela sororidade” (Omran, 2021). Portanto, a partir das obras “O livro das garotas audaciosas” de Andrea J. Buchanan; “Histórias de ninar para garotas rebeldes” de Elena Favilli e Francesca Cavallo, foi comentado sobre mulheres que marcaram a história em diferentes momentos históricos e em diversas áreas. O destaque maior, contudo, foi para “Quarto de despejo: diário de uma favelada” de Carolina Maria de Jesus, que “apesar do sucesso de vendas [...] à época da publicação, a crítica passou a valorizar a obra da autora como uma produção digna de ser estudada como *literatura* muito recentemente” (Barossi, 2018), que trouxe a potencialidade da escrivência na obra literária para se romper com os silenciamentos impostos pela chamada “história oficial” que “é baseada em uma perspectiva essencialmente colonialista” (Barossi, 2018) e, “se no contexto da produção colonial, o sujeito subalterno não tem história e não pode falar, o sujeito subalterno feminino está ainda mais profundamente na obscuridade” (Spivak, 2010).

Por essa razão e acreditando no potencial das escritas próprias para se ampliar e aprofundar o debate crítico-reflexivo sobre gênero, a

avaliação final do curso de extensão é a proposta de uma narrativa literária escrita pelas participantes. Foi proposto que, a partir das trocas proporcionadas pelos encontros, elas escrevessem, de forma livre, suas reflexões e vivências, diante da condição de ser mulher, e/ou de perceber mulher no modelo de sociedade em que vivemos.

## **2. UMA PORTA QUE SE ABRE**

Santos (2008) coloca que a literatura é a purgação da vida, em que ou escrevemos ou somos engolidos pelo nada, e os trabalhos entregues ao término do curso corroboram essa afirmação. As sete produções literárias entregues, cada uma a seu modo e a seu gênero literário, reforçou a potencialidade da literatura para ver além da realidade e como são múltiplas as percepções de gênero e a importância de se olhar e refletir o tema a partir da interseccionalidade entre gênero, raça, classe e sexualidade.

Breno<sup>4</sup>, único participante masculino do curso, trouxe a sua percepção sobre as mulheres de sua vida: mãe, vó, tias... apontando como elas o ajudaram a perceber o seu próprio lugar na sociedade, uma vez que, em suas palavras, “as questões sobre o que é ser mulher, gênero, raça, feminismo, estava o tempo todo na fala da minha mãe”, ainda que ele “em momento algum tive a capacidade de perceber”, mas que as narrativas do curso e as trocas com as palestrantes e participantes o “fez perceber, respeitar, construir pontes, e pedir que todos meus amigos, alunos, a todos homens que conheço ouçam as mulheres ao redor e as deixem falar e serem donas, seguidoras de seus caminhos, e sejam livres de qualquer figura masculina que poderiam podá-las”.

---

<sup>4</sup> Os nomes de todos os participantes do curso foram alterados neste artigo.

Ana segue um caminho próximo ao de Breno, ao trazer as narrativas de mulheres que a levaram até aquele momento. Trazendo um texto que se aproxima de um diário de memórias, Maria traz uma colcha de retalhos de histórias das mulheres que a formaram, em especial a sua mãe. Nesse texto, mesclado com imagens das personagens reais, ela costura histórias sobre maternidade, cumplicidade, silenciamentos, forças, superações, que alimentaram a sua vontade de pesquisar sobre gênero, desenvolvendo pesquisas e projetos que possam “contribuir com a mudança da nossa sociedade e tornar as narrativas de mulheres, e outros grupos excluídos, apagadas no decorrer da história presentes na nossa educação e fortes na nossa história”, algo que aumentou a partir das interações do curso.

Antônia traz em sua produção uma escrita que se aproxima da poesia e ilustrações que alimentam a sua paixão pelo desenho. Sua escolha foi de trazer memórias vividas ao longo da vida e as memórias degustadas nos encontros do curso que, “mesmo com o cansaço (e muito desânimo)”, a fez perceber que “estar entre mulheres me inspira, cura, movimenta, motiva”, uma vez que nesse espaço se fomenta a fala e a escrita que são próprias e, por isso, pessoais e “é um exercício de vulnerabilidade se permitir a fala, a presença, as escutas”.

Bruna em um miniconto, rememora um momento fundamental de sua vida: quando, aos 11 anos, desejou ser um garoto. Ela relata como a televisão, a partir de uma novela, reforçava ainda mais alguns estereótipos de gênero e que, por isso, na escola “um garoto ficava o tempo todo falando coisas horríveis sobre mulheres só servirem para limpar a casa ou como mulheres são desprovidas de inteligência”, fazendo surgir nela a vontade de ser um menino. Ela relatou que, com o passar dos anos e espaços como o do curso, ela conseguiu compreender melhor as questões que cercavam o debate de gênero e

como as mídias tinham grande impacto na naturalização e manutenção de discursos opressores e silenciadores.

O conto de Beatriz se aproxima da narrativa de Bruna ao trazer sua experiência na escola como algo fundamental para a sua compreensão do que é ser mulher na sociedade. Ela aponta a escola como um lugar de silenciamento, mas também como um lugar que a ajudou a romper com esses silenciamentos: no medo de levantar a mão para responder às questões lançadas pela professora, não pela dúvida da resposta, mas por ter sido ensinada a sempre caminhar às sombras, escondida, por ser mulher. E o rompimento desses silenciamentos forçados, vem na própria escola, ao ser apresentada aos feminismos, “as mulheres mudam os rumos da história seja em casa, nas ruas, na escola, para elas, por nós”.

Todas essas produções, em sua íntegra, mostram como o debate de gênero é plural e precisa ser visto em sua totalidade para que possamos intervir no assunto, de modo a promover caminhos verdadeiramente possíveis para se alcançar uma igualdade de gênero que contemple toda a diversidade presente no “ser mulher” na sociedade. São relatos que trazem os silenciamentos, a maternidade, a descoberta de si, do outro, dos papéis de gênero na sociedade; mas foi nas linhas das palavras de Madalena que a violência de gênero se fez presente de forma clara, nua e crua.

A participante traz um compilado de oito histórias pessoais, escritas em gêneros diferentes:

da poesia ao conto, os seus relatos traziam a denúncia de abusos, violências e silenciamentos que ela sofria desde os sete anos de idade e também a força das mulheres ao pensar a sua mãe, a dinda, a bisa, encarando, também, as violências que essas mulheres passaram. No início da sua escrita, em uma breve carta à equipe do curso, Madalena diz que o seu relato traz “memórias pessoais de momentos em que os

momentos do curso me fizeram lembrar, relembrar e/ou perceber de outra forma”.

Madalena não socializou a sua escrita com as participantes, mas escreveu a equipe agradecendo pelo espaço que a fez encarar os seus monstros e perceber outras violências que ela não percebia antes, mas, mais do que isso, agradeceu por ter finalmente contado as suas histórias, algo que só conseguiu pela escrita. Da criança que não entendia o motivo do avô pedir que ela o apertasse mais, à jovem que tem seu corpo violado, por ser lésbica<sup>5</sup>, em uma festa por um homem que se dizia amigo, Madalena narra e nos faz refletir sobre os infinitos contornos da violência de gênero.

## CONCLUSÃO

Costa (2018, p.43) aponta que “as redes sociais, desde a sua popularização na década de 2010, são o mecanismo mais importante de mobilização política” e a partir das experiências vivenciadas no Projeto de Extensão e no curso de extensão, aqui brevemente relatadas, podemos perceber como as redes sociais e outros espaços tecnológicos, podem ser instrumentos fundamentais para ampliar – e com isso fortalecer – os debates, as reflexões, as pesquisas, as intervenções, etc., de gênero e a promoção da igualdade de gênero.

Ainda segundo a autora, os espaços postos pelas redes sociais, são espaços que tornam possível se pensar os movimentos feministas e de gênero também como “movimentos culturais, que permitem a um ator social tornar-se sujeito ao definir sua ação segundo seus próprios valores e interesses” (Costa, 2018 p.44), em outras palavras: dizer com as suas

---

<sup>5</sup> “Na vida dela, longe de ser a primeira vez que se sentia pequena. Mas a primeira por ser mulher e lésbica”.

próprias palavras a sua realidade. São espaços, portanto, que auxiliam a romper com os silenciamentos impostos sobre os grupos subalternizados, espaços que se fazem como espaços em branco de um texto, que são capazes de trazer à luz as palavras e histórias que foram historicamente silenciadas (Barossi, 2018).

Ainda que os espaços da rede sejam grandes facilitadores para se ampliar o alcance dos debates de gênero, devemos considerar que, ainda assim, não é um espaço totalmente democrático, uma vez que o acesso à internet não é comum a todos. Mesmo com o avanço que tivemos, considerando que os dados mais recentes mostram que a internet chega a 90% dos lares brasileiros<sup>6</sup>, precisamos considerar outros fatores que se relacionam com a possibilidade ou não de acesso: é necessário olhar o contexto social e as especificidades de cada histórias.

Diante das histórias aqui expostas e dos debates fomentados, em diálogo com Antônio Cândido (2011, p.177) quando esse coloca que

por isso é que nas nossas sociedades a literatura tem sido um instrumento poderoso de instrução e educação [...]. Os valores que a sociedade preconiza, ou os que considera prejudiciais, estão presentes nas diversas manifestações da ficção, da poesia e da ação dramática. A literatura confirma e nega, propõe e denuncia, apoia e combate, fornecendo a possibilidade de vivermos dialeticamente os problemas.

Reforçamos como a literatura pode fazer emergir as histórias que a história dita oficial apaga, constante e diariamente. E essa potência da literatura, como demonstrado a partir das experiências fomentadas pela instituição universitária, pode encontrar nas linhas e telas virtuais um ótimo caminho para fazer emergir vozes outras, em múltiplos lugares,

---

<sup>6</sup> Disponível em: <<https://www.gov.br/casacivil/pt-br/assuntos/noticias/2022/setembro/90-dos-lares-brasileiros-ja-tem-acesso-a-internet-no-brasil-aponta-pesquisa>>. Acesso em: 29.out.2023.

uma vez que “as experiências em primeira pessoa, tornadas públicas na rede, passam a afetar o outro” (Costa, 2018, p.46).

Esperamos que estas linhas sirvam como fomento para se pensar a literatura em escrevivências em diálogo com os mecanismos tecnológicos, de modo a impulsionar novas histórias que possibilitem melhores frentes de atuação na busca pela igualdade de gênero.

## REFERÊNCIAS

BAROSSO, Luana. (Po)éticas da escrevivência. In: **Literatura e Resistência**. Porto Alegre, RS: Zouk, 2018.

BARTHES, Roland. **O prazer do texto**. São Paulo: Perspectiva, 1996.  
\_\_\_\_\_. Leitura. In: **Enciclopédia Einaudi**. Lisboa: Imprensa Nacional, 1987.

CANDIDO, Antônio. O direito à Literatura in: **Outros escritos**. 5ª edição. Rio de Janeiro: Ouro sobre Azul, 2011.

COSTA, Cristiane. Rede. In: **Explosão feminista: arte, cultura, política e universidade**. 2ª ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2018.

SANTOS, Joel Rufino dos. **Quem ama literatura não estuda literatura: ensaios indisciplinados**. Rio de Janeiro: Rocco, 2018.

SISTO, Celso. **Textos e pretextos sobre a arte de contar histórias**. Chapecó: Argos, 2001.

SPIVAK, Gayatri Chakravorty. **Pode um subalterno falar?** Belo Horizonte: Editora UFMG, 2010.

VELLASQUEZ, Fabrícia; et. al. **Cartas ao tempo: narrativas sócioliterárias em formação extensionista**. São Carlos: Pedro & João Editores, 2022.

WOOLF, Virgínia. **Mulheres e ficção**. 1ª ed. São Paulo: Penguin Classics Companhia das Letras, 2019.

Esta publicação deverá ser citada da seguinte forma:

SILVA, B. C. da S. e; PAIVA, F. V. Uma tela toda nossa: da tecnologia abrindo janelas para o debate sobre gênero na extensão universitária durante a pandemia. **Revista DisSol – Discurso, Sociedade e Linguagem**, Pouso Alegre/MG, ano 9, n.º 20, jan-jun/2024, p. 419-434.